

ENTREVISTA: Fernando Molica, jornalista e escritor

Baseado em fatos reais

ANDERSON SALLES
asalles@redgazeta.com.br

Para um repórter acostumado aos mais variados fatos do dia-a-dia, a violência das grandes cidades acaba por fazer parte do seu trabalho. Mas, e quando um desses acontecimentos interfere na sua vida? É o que se vê em "O Ponto da Partida", novo romance do jornalista Fernando Molica. O livro conta a história do repórter policial Ricardo Menezes, que diante de um corpo encontrado esquarterado na areia da praia do Arpoador, no Rio, repensa sua relação com a família, a pro-

"O mote – o tal corpo despedaçado – surgiu de uma situação real"

fissão e a cidade. Em entrevista ao "Mix Tudo", Fernando Molica, que é repórter especial da TV Globo e já escreveu os romances "Notícias do Mirandão", "O Homem que Morreu Três Vezes" e "Bandeira Negra, Amor", fala sobre o livro e a sua experiência como escritor.

MIX TUDO - Como surgiu "O Ponto da Partida"?

FERNANDO MOLICA - A partir de um conjunto de idéias, de temas que, aos poucos, foram tomando corpo. O mote – o tal corpo despedaçado – surgiu de uma situação real. Há uns dois anos, eu cheguei a ir cobrir o caso de uma mu-

lher que tinha sido morta e esquarterada aqui no Rio.

O fato do personagem principal ser um repórter foi proposital? E por que a escolha do Rio de Janeiro como cenário?

Eu queria um personagem de uns 50 anos, um sujeito que estivesse no ponto de repensar a vida. Poderia ser um médico da emergência de um grande hospital público, desencantado com as mortes violentas, com a falta de recursos. Poderia ser um advogado irritado com problemas na Justiça. Mas optei pelo jornalismo por uma questão prática: estou nesta profissão há muito tempo, 27 anos. Quanto ao Rio, sou carioca, sempre morei aqui. É meio natural que meus personagens circulem pela cidade, desfrutem do que é bom, se preocupem com o que é ruim e até mesmo sofram consequências do que ocorre por aqui. Gosto de colocá-los para circular pela cidade.

Você, assim como o repórter do livro, já se encontrou em



FERNANDO MOLICA
JÁ ESCREVEU QUATRO LIVROS e foi organizador de "50 Anos de Crimes" e "10 Reportagens que Abalaram a Ditadura". As obras fazem parte da coleção "Jornalismo Investigativo", da Editora Record



Molica passou pela "Folha de S. Paulo" e "O Estado de S. Paulo". Em 1996, foi para a Globo

"No jornalismo, somos muito objetivos, diretos, muitas vezes óbvios"

uma situação semelhante, de repensar a vida, a carreira?

Sem dúvida! Acho isso perfeitamente normal, em qualquer profissão. Ainda não tenho 50 anos, faltam alguns poucos anos. Mas a prática do questionar é permanente, até para renovar o ânimo.

Escrever ficção é uma válvula de escape para você, que lida com a realidade o tempo todo?

Mais do que válvula de escape, escrever ficção me dá a oportunidade de trabalhar a realidade de uma outra maneira. No jornalismo, somos muito objetivos, muito diretos, muitas vezes óbvios. A ficção dá chance de procurarmos o que está oculto, implícito. Dá pra mergulhar na alma dos personagens, em suas motivações, em seus desejos. Claro que o resultado vai ser bom dependendo do talento do autor. Mas, pelo menos, dá para tentar...